

**EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E CRÍTICA SOCIAL
NO CRISTIANISMO PRIMITIVO**

São Paulo: Paulinas, 2003 (Coleção Religião e Cultura).

Este volume é feito de uma série de ensaios, alguns anteriormente publicados em periódicos, outros ainda inéditos. Eles foram surgindo num espaço de cerca de dez anos, e são testemunhas das continuidades e descontinuidades do trabalho de seu autor. A presente coletânea é, portanto, uma boa mostra dos resultados a que vem chegando um dos mais talentosos e intrigantes exegetas em nosso país. Formado no rigor da ciência exegética alemã (seu doutorado é pela Universidade de Heidelberg) e sensível à mais significativa produção bíblica feita na América Latina, que destaca o social e o antropológico do texto e suas implicações na realidade concreta das populações marginalizadas, Nogueira não se

contenta com resultados fáceis. Em busca de estabelecer um diálogo sempre mais profundo e enriquecedor com a Academia e com as novas perguntas que emergem; por exemplo, da História Cultural (Chartier) e da Micro-história (Ginzburg), o autor se lança a novos temas, com perspectivas novas de análise.

É o que se pode notar pelo teor da obra aqui resenhada, que se organiza em três partes. A primeira delas, intitulada "Experiência religiosa cristã primitiva". Os artigos que a compõem talvez manifestem o que de mais original encontramos nesse livro. Pois Nogueira avança a abordar um aspecto pouco trabalhado na pesquisa bíblica: o caráter visionário da experiência religiosa no cristianismo primitivo. Longe de considerar os relatos de visões no Apocalipse mero

Paulo Augusto de Souza Nogueira

**EXPERIÊNCIA
RELIGIOSA
E CRÍTICA SOCIAL
NO CRISTIANISMO
PRIMITIVO**



instrumento literário, o autor procura mostrar, num ensaio até certo ponto programático, como os relatos do último livro da Bíblia manifestam experiências de êxtase por meio das quais, acessando “o mundo das estruturas e dos poderes celestiais que regem o cosmo”, começavam “a recriar o mundo e vivenciar tempos de salvação” (p.58). Nos capítulos seguintes Nogueira nos conduz ao universo do cristianismo Paulino e àquele subjacente à tradição sinótica para mostrar que êxtases e visões não eram exclusividade do contexto em que o Apocalipse surgiu. Certamente estamos aqui em terrenos pouco visitados, e o grande mérito desses ensaios é abrir caminhos.

Na segunda parte do livro, “Conflitos e desenvolvimentos no campo religioso”, Nogueira nos apresenta dois ensaios a respeito da diversidade cristã originária e da inserção do cristianismo no mundo religioso da época. Recorrendo ao conceito de “campo religioso”, que remete a Bourdieu, o autor primeiramente se pergunta pelo grupo dos helenistas, que, apesar de estar por trás da missão paulina, é pouco conhecido, “esquecido” que teria sido pelo redator do livro dos Atos dos Apóstolos. No entanto, salienta Nogueira, a tentativa de Lucas esbarra na multiplicidade de experiências cristãs originárias, que não cabem no interior do modelo bastante unitário proposto pelo redator. Assim, é por uma leitura na contramão das intenções lucanas que se pode recuperar a trajetória desse grupo decisivo para os desdobramentos da história cristã. No capítulo seguinte Nogueira descreve facetas do universo religioso de Éfeso e entornos, mostrando as fascinantes interações que entre os diversos sujeitos ocorriam. Este trabalho se situa, revisando-o, na esteira de outro, infelizmente não publicado nessa coletânea, mas que serve de complemento indispensável, apesar da (ou seria “por causa da”?) perspectiva metodológica distinta (não apenas por seu caráter diacrônico!): “Multiplicidade teológica e formação do catolicismo primitivo na Ásia Menor” (In: *Estudos de religião*. São Bernardo do Campo, 1992. n.8, p.35-46).

A terceira parte da coletânea leva o nome de “Crítica ao poder e resignificação do cotidiano” e consiste em quatro ensaios que repropõem a prática da leitura sociológica, tão em voga entre nós. Digo “repropor” pois, como o próprio autor afirma, ele não pretende apresentar “exemplos de comunidades proféticas esbravejando contra o Império Romano ou protestando explicitamente contra os males que ele trouxe para a sociedade mediterrânea”. Numa perspectiva mais sutil, procura evidenciar, na leitura de textos aparentemente apolíticos e / ou conservadores, “como o discurso religioso de um grupo incide na formação de nova auto-identidade, de um novo

posicionamento de uma comunidade religiosa na sociedade” (p.12).

Cabem agora algumas observações quanto ao conjunto. Nesse volume se encontram, ao mesmo tempo, duas características do trabalho intelectual de Nogueira: a insatisfação com consensos superficiais, de alguma forma ideais, e o enfrentamento de desafios, a abertura de novas sendas: Se, no âmbito da leitura bíblica latino-americana, pensávamos os evangelhos sinóticos como expressões privilegiadas de um certo modo de compreender a “prática libertadora de Jesus”, muito ajustada a nossos interesses pastorais imediatos, Nogueira há tempos nos vinha desafiando ao acentuar, por exemplo, a dimensão esotérica do evangelho segundo Marcos (manifestada particularmente em 4,11). Se líamos o Apocalipse praticamente demitizando-o, tomando-o, portanto, *apesar de seus contornos místéricos, místicos e visionários*, as intervenções de Nogueira iam sempre na linha de não se contentar com sínteses e exposições que poderiam soar interessantes hermeneuticamente, mas praticamente passavam por alto as experiências sócio-religiosas de que os textos neotestamentários são expressão. Praticamente todos os artigos que formam o livro se iniciam sumariando tendências da pesquisa atual consideradas insuficientes.

Se não me engano, o primeiro dos ensaios que compõem o livro, a sair na forma de artigo, foi aquele relativo aos helenistas de Atos 6-7. Naqueles idos de 1995 Paulo Nogueira enfrentava com essa importante reconstrução histórica dois desafios: perscrutar caminhos desconhecidos do cristianismo primitivo (razão pela qual, julgo, esse ensaio compõe o livro ora lançado) e romper uma certa leitura idealizada dos Atos dos Apóstolos a respeito das primeiras comunidades, particularmente aquela de Jerusalém. Num contexto em que, mais uma vez de forma ideal, se falava do Novo Testamento como documento basilar para as práticas ecumênicas, Paulo Nogueira (e estou aqui lembrando um artigo que bem poderia constar dessa coletânea, sobre a concorrência entre vertentes cristãs nos primeiros tempos, publicado em *Mosaicos da Bíblia*) vinha mostrar que a coisa era mais complicada, e que nos deveríamos munir de ferramentas mais complexas para dar conta da multiplicidade e da variedade, e dos inevitáveis conflitos. Assim, entre outras coisas, o livro nos alerta contra certezas fáceis e pouco fundamentadas.

Quanto ao enfrentamento de desafios e de temas pouco visitados, basta olhar o índice do livro para se certificar de que essa é uma característica do trabalho intelectual de Paulo Nogueira. Dialogando de forma crítica com a tradição exegético-hermenêutica que vem sendo desenvolvida na América Latina,

Paulo nos brinda com ensaios sobre temas que ele mesmo qualifica como tabus para nossa mentalidade, mesmo sem querer, racionalista: encarar um Jesus visionário, mais do que um Jesus cínico e desmistificador; o desafio de enfrentar a experiência da glossolalia em comunidades paulinas sem recorrer ao subterfúgio da domesticação a que Lucas a submete no relato de Atos 2, e outros; uma leitura política do Apocalipse que não o vê exclusivamente em função do confronto “militante” com o Império, mas salienta aspectos do que poderíamos chamar a “micro-política”, ou, para usar a própria expressão do autor: “mesmo nas narrativas místicas, os textos bíblicos, especialmente do Novo Testamento, refletem seu mundo social, mas o fazem segundo a perspectiva de pequenas comunidades marginais que buscam, por meio de sua tradição religiosa, ressignificar seu cotidiano” (p.238). Nesse sentido nosso autor nos provoca, e o vem fazendo há tempos, para um diálogo que permita aprofundar a análise e o olhar sobre a religião daqueles tempos, em suas múltiplas facetas.

O trabalho exegético de Paulo Nogueira visa ter acesso à experiência sócio-religiosa no interior do judaísmo e no cristianismo nascente, sem dela nada descartar, mesmo aquilo que possa parecer a certos ouvidos e sensibilidades algo sem sentido, irrisório. Como aquele marxista inglês, Edward P. Thompson, que se deu conta que para entender as motivações populares para os protestos e reivindicações sociais precisava deixar suas certezas racionalistas de lado e encarar costumes, práticas tradicionais, padrões morais, convicções religiosas enraizadas e consensuais. Os ensaios que compõem o livro que ora é lançado permitem aceder à cultura das “pessoas comuns”, “não o sujeito histórico, ou o grupo de sujeitos históricos que porta uma formação ou consciência política, ou ainda aqueles que, com base numa certa prática social do discurso, desenvolvem uma configuração organizada e polarizada”.¹

Por outro lado, um esforço hermenêutico, e de implicações que se farão ainda notar: o de lançar pontes para o mundo do pentecostalismo, no empenho de compreendê-lo, antes de estigmatizá-lo. Se Carlos Mesters, numa de suas tiradas geniais, reconhecia que “a Igreja Católica [ou parte dela] fez opção pelos pobres, mas estes fizeram opção pelo pentecostalismo”, imiscuir-se por

¹ Luiz Geraldo Santos da Silva. “Canoeiros do Recife: história, cultura e imaginário”. In: Jurandir Malerba (org.) *A velha História: teoria, método e historiografia*. Papirus, Campinas, 1996, p.94.

entre as visões, viagens celestiais, línguas de anjos do mundo do cristianismo, o convite que Paulo nos faz com seu livro, quem sabe nos permita reencontrar os pobres, e aprender deles os múltiplos caminhos de recriação da experiência cristã.

Em síntese, os exercícios exegéticos que Paulo Nogueira nos oferece em seu livro são indicativos de inúmeras possibilidades analíticas. O abundante recurso a tradições religiosas registradas na literatura apócrifa ao mesmo tempo amplia os horizontes com que temos lido os textos do Novo Testamento, fazendo-nos pensar em aspectos que doutra forma nos seriam inacessíveis, e nos faz mergulhar num universo complexo de símbolos e códigos que não é o nosso. O convite de Paulo é para que nos abramos para essa alteridade, respeitando e fazendo memória de tanta gente anônima que teceu, a seu modo, significados para sua existência, antes de queremos traduzi-la, com o risco do descuido, para nossas necessidades sócio-políticas imediatas. Uma provocação muito bem-vinda.

Pedro Lima Vasconcellos*

* Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, é professor Assistente-Doutor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da mesma universidade. E-mail: plvascon@uol.com.br.